

CAMINITO

Paulinho Assunção

Ali onde a raiz
de polvo e mãos
amargou o escuro atrás de um sol reverso
meu pai bebeu o fel
e desovou à mímica
seus sonhos de homem

Talvez fosse inverno
e os tocos dos charutos
amontoados fuzis
trançavam a fumaça em agonia
arma aguda em espirais

Talvez fosse inverno
o braço da vitrola buscando a boca de Gardel
fincava o lombo da nostalgia
saindo do gargalo
de um litro de White Horse

Enquanto Maria depenava o frango
e Jesus
cansado e vesgo
suava o sangue miserável
o rádio gritava o tiro de Getúlio
e no fundo
uma valsa de Strauss

Naquele dia
quando urinei o primeiro susto
guardei calado o primeiro coque na cabeça
porque quis

na janta
sopa de Partido Trabalhista Brasileiro

Talvez fosse inverno
infusão de eucaliptos
e vinte mil gatos
miando

dentro do meu peito
não que a asma
fosse o motivo de minha cisma
mas que de noite
a infâmia

viria
com duendes e fantasmas
afora a ladainha

E a noite o mundo o escuro
os mantos e
(infalíveis)

cortinas de medo em cima
tudo em faca e o alvitre
no fio das ladainhas

O terço a conta a língua
no latifúndio das rezas
o salve o limbo
o acinte
nos atos da liturgia

Meu pai soltava à míngua
os cães de morte e chacina

Talvez fosse inverno
o degelo da vida
no espelho
da aleivosia

Doía o gargalo e o fumo
nas pautas da Ave Maria

Naquele dia
na geleira do mundo
que me envolvia
tiritando o medo
no oco
prenhe de morte sem elegia
comecei o caminho pra vida